

FICÇÃO DE CLARICE LISPECTOR NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA COM BASE NO CONTO “A BELA E A FERA”

Bruna Mourão Duarte¹

RESUMO: Este artigo científico aborda a importância da leitura na vida dos jovens brasileiros, especialmente no Ensino Médio. Embora a leitura seja fundamental, muitas vezes é limitada a fins informativos ou instrucionais, em vez de ser apreciada por si mesma. Desse modo, o artigo entende a leitura como um processo crítico que envolve a interação do leitor com a obra, combinando aspectos intelectuais, sensoriais e emocionais. Além disso, o presente estudo destaca a importância do letramento literário, com foco na obra de Clarice Lispector. Um conto específico, “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais”, é selecionado para ilustrar como a leitura de obras de ficção pode abordar temas importantes, como invisibilidade, desigualdade e autoestima, tornando a leitura mais acessível e envolvente para os alunos do Ensino Médio. Os objetivos específicos do trabalho incluem o reconhecimento dos contextos sociais abordados nas obras literárias, a interpretação dos significados dos textos de ficção de Clarice Lispector e a promoção de uma nova perspectiva sobre a leitura em turmas de Ensino Médio. Portanto, o artigo visa promover a leitura crítica e a análise de contos, estimulando o interesse dos alunos e proporcionando uma compreensão mais profunda das obras de Clarice Lispector e do gênero conto, com foco na ficção.

Palavras-chave: Letramentos. Ficção. Ensino Médio. Leitura. Clarice Lispector.

1 Mestranda na área de Linguagens e Letramentos no Ensino Básico, no Colégio Pedro II (2023). E-mail: brunamou99@gmail.com.

Introdução

Em toda vida escolar, a leitura sempre foi reconhecida como o ato de maior relevância para o desenvolvimento e formação de crianças e adolescentes. Embora o seu papel fundamental seja de conhecimento geral dentro desse espaço, ainda se observa a necessidade, quase que constante, de se criar debates e de buscar novos caminhos para compreender o seu verdadeiro lugar na vida dos jovens brasileiros, principalmente para aqueles que se encontram em segmentos finais, como a etapa do Ensino Médio. Afinal, sendo o ato de ler tão fulcral, é imprescindível que professores-pesquisadores estejam buscando, a todo momento, novas maneiras de estimulá-lo e implementá-lo na rotina de estudantes que, não obstante, se tornarão cidadãos ativos na sociedade em que vivem e da qual participam.

É irrefutável que a leitura é uma etapa obrigatória na vida de qualquer integrante do corpo social, visto que, em uma sociedade grafocêntrica, ela, muitas vezes, é utilizada como exercício de cidadania, seja para analisar um documento, seja para ler o rótulo de um produto no supermercado. Contudo, quando essa pauta é levada para o campo escolar, nota-se uma tentativa de hierarquizar as diferentes funções desse ato, isto é, ganha maior destaque aquela leitura feita com intuítos informativos ou instrucionais. Os textos levados para sala de aula viram um pretexto para o trabalho com questões de outros campos, como análise puramente em plano linguístico desse texto, e não mais para a fruição.

Aqui, pretende-se analisar a leitura para além do mero ato de decodificação das palavras, mas, como afirma Paulo Freire², para o momento em que o indivíduo seja implicado por novas dimensões críticas do que está sendo lido e que seja um processo inundado por suas perspectivas de mundo. Dessa forma, a leitura

2 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. Cortez editora, 2022.

pode ser definida enquanto um movimento de constante interação crítica entre leitor-obra que, para se concretizar, deve combinar aspectos intelectuais, sensoriais e emocionais³.

Além disso, é impensável falar sobre leitura após o século XX e não levar em conta os pressupostos cunhados por Mary Kato sobre Letramentos (1986). Apesar de ser um termo complexo, gerando muitas discussões entre diferentes teóricos, será privilegiada a análise de Letramento Literário, discutido por Rildo Cosson em sua extensa pesquisa. Isso porque o presente artigo propõe debater o lugar da leitura de obras de ficção para turmas de Ensino Médio dentro do ambiente escolar.

Como elemento propulsor da pesquisa, escolheu-se a autora Clarice Lispector para ser possível a realização do aspecto prático dessas contribuições aqui transcritas. Para isso, levando em consideração a vasta disponibilidade de obras escritas pela brasileira, foi selecionado um conto, “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais” (2020), do livro homônimo, como recorte para elaboração do trabalho, uma vez que a ficção ocupa grande parte das narrativas de Lispector e, em certa medida, é o gênero mais procurado por aqueles alunos que estão iniciando seus mergulhos na literatura brasileira. Além disso, no caso do conto selecionado, é possível realizar trabalhos que envolvam temas sociais, como invisibilidade, desigualdade, coletividade e autoestima, promovidos pelo enredo, visto que a linguagem simples e o caráter universal da história contada pela autora permitem uma identificação maior dos alunos com a leitura solicitada.

Ao reconhecer a célebre contribuição da autora com o campo literário e com a educação nas escolas brasileiras graças à adoção de seus livros nas aulas de Língua Portuguesa, a sua menção para o desenvolvimento das pesquisas sobre leitura nas instituições educacionais é quase que uma força inevitável, assim como suas personagens com destinos enveredados pelo fazer e desfazer da vida.

3 MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Nascida em 1920, na Ucrânia, Clarice Lispector veio ainda criança para o Brasil com sua família, fugindo da perseguição aos judeus na Europa. Assim, já adulta, depois de uma jornada em Recife, foi em terras cariocas que a autora se estabeleceu para nos contar as mais deslumbrantes histórias com as quais, até hoje, é possível refletir sobre o tempo presente e sobre os limites da ficção e da realidade⁴. Lispector é responsável por trazer desconforto no que, até um primeiro momento, parecia banal no automatismo cotidiano dos leitores: seus contos avultam questões de ordem sensorial e emocional; por isso, considera-se a sua obra uma aliada para proposição de atividades que estimulem o interesse pela leitura de textos ficcionais e a análise coletiva dessas narrativas em sala de aula.

Espera-se, com esse trabalho de pesquisa, promover a leitura e a análise, com a autonomia do discente, do gênero conto por alunos do Ensino Médio. Ademais, busca-se cumprir com os seguintes objetivos específicos: a) reconhecer os contextos sociais despertados pela leitura crítica da obra selecionada; b) inferir os sentidos provocados por textos de ficção da autora Clarice Lispector; c) sugerir uma nova perspectiva a respeito das leituras em turmas do Ensino Médio.

Fundamentação teórica

Este artigo busca a promoção de práticas pedagógicas de leitura de ficção para turmas de Ensino Médio. Nesse sentido, cabe retomar as diretrizes propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para, enfim, abrir as discussões propostas nessa pesquisa, visto que esse documento auxilia o trabalho do corpo docente na condução das atividades que devem ou não ser pensadas para a sala de aula. Por fim, iniciaremos a análise da autora

4 MOSER, Benjamin. *Clarice: uma biografia*. Editora Companhia das Letras, 2017.

selecionada. Assim, encontra-se um respaldo pela escolha desse tema no seguinte trecho da BNCC:

Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances [...]) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura. (BRASIL, 2018, p. 525).

Essa habilidade menciona a importância do ato de ler e compreender os textos de maneira individual e, para isso, lista alguns gêneros com os quais o docente pode envolver os jovens estudantes nas atividades pedagógicas. Nota-se, sobretudo, que a maioria das menções são a sequências textuais da ordem da fantasia, principalmente os contos e as fábulas, destacando a utilidade dessas obras para criar preferência por gêneros, temas e autores. Tal predileção pressupõe a continuidade do ato, no qual o aluno ficará engajado em procurar novos textos para a sua próxima leitura, em alguns casos, fora do contexto exclusivamente da sala de aula.

Além disso, o próprio documento oficial citado também entende o papel de destaque que deve ser dado à fruição leitora. Isto é, o texto, mais do que uma ferramenta de estudo linguístico, também deve ser compreendido e apreciado em seu aspecto estético. No Ensino Médio, os estudantes “devem ser capazes de fruir manifestações artísticas e culturais, compreendendo o papel das diferentes linguagens e de suas relações em uma obra e apreciando-as com base em critérios estéticos.” (BRASIL, 2018, p. 496).

A escolha por falar sobre ficção justifica-se pela compreensão de que a leitura por fruição não deve ser abandonada nas turmas de segmentos finais. Já é mais do que sabida a relevância de estimular o contato dos discentes com textos informativos, como notícias, reportagens, livros didáticos, dicionários etc. Contudo, se o desejo do professor é, efetivamente, formar leitores críticos dos

mais diversos gêneros, entende-se que, promovendo em primeira instância essa leitura ficcional, torna-se mais fácil convencê-lo a se aventurar em outros textos que não sejam habituais em seu dia a dia. Além dessa ideia estabelecida, é imprescindível relembrar o que o crítico literário Antônio Candido refletia a respeito do poder da literatura ao afirmar que o indivíduo necessita de doses diárias de fantasia⁵. Logo, para o professor do ensino básico, os instrumentos disponíveis para proporcionar esse escapismo da realidade são as obras ficcionais, as quais são representadas, no presente artigo, pelo conto de Clarice Lispector.

Assim, sendo mencionada por diversos autores ao longo das décadas, a leitura é etapa obrigatória na vida de qualquer ser social; sem ela, dificilmente o indivíduo seria capaz de conviver com o Outro e consigo. Em alguma medida, é fato que “leitura” virou sinônimo de poder em uma sociedade tão globalizada quanto a deste século, entretanto, o que pouco se comenta é o outro viés que a Literatura pode e deve adotar, aquele cujo poder está não em ensinar, mas em despertar a capacidade de imaginar um mundo diferente desse que se tem conhecimento. Por isso, adota-se nesse trabalho a definição de ficção proposta por Afrânio Coutinho (1976), o qual estabelecia que ela era o resultado “da imaginação criadora, embora, como toda a arte, suas raízes mergulhem na experiência humana. Mas o que distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade [...]” (COUTINHO, 1976, p. 30), pois esse é o empenho imprevisível do artista criador, mas não detentor, da palavra.

Assim como não é possível definir os saberes em etapas dissociadas, o mesmo acontece com o processo da leitura. Os conhecimentos adquiridos no encontro com o livro não devem se extinguir nesse ato, pois o aprendizado se faz de maneira constante e na interação com o mundo. Dessa maneira, traz-se a noção dos

5 CANDIDO, Antonio *et al.* O direito à literatura. **Vários escritos**, v. 3, 1995, p. 235-263.

múltiplos Letramentos para melhor compreender a função das literaturas e, principalmente, o seu lugar nas escolas. Ainda que múltiplo, o letramento, definido por Rildo Cosson (2010), privilegia o termo “Letramento Literário” para se referir ao uso contextualizado das literaturas dentro do ambiente escolar. Essa apropriação da literatura deve ser utilizada como norte das ações propostas pelo professor dentro de sala de aula, visto que “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17) é uma construção lenta, gradual e atravessada, muitas vezes, por aspectos afetivos.

Em sua outra obra intitulada *Círculos de leitura e letramento literário*, Rildo Cosson (2014) compartilha preocupações comuns entre docentes da área das Literaturas ao embasar sua pesquisa com dados que confirmam a diminuição significativa da leitura pelos brasileiros, o que acaba por atingir principalmente os jovens, também chamados de nativos digitais, imersos no contexto do avanço tecnológico. Essa nova forma de entretenimento compete diretamente com a presença do livro também como um potencial fonte de deleite, pois os indivíduos “quando leem fazem isso mais pela necessidade de se atualizarem culturalmente do que por prazer. A leitura não é uma forma comum de lazer” (COS-SON, 2014, p. 12). Gradualmente, vai se esvaindo o período da imaginação, que pode ser proporcionado pela escrita de ficção, e fica com a escola a responsabilidade de desenvolver nas crianças e nos adolescentes o letramento literário. Essa instrumentalização deve ser oferecida pelo professor em contato direto com as demandas daquele aluno moderno, uma vez que a sala de aula pode ser o único espaço encontrado por aquele jovem a se encantar e desencantar com as possibilidades construídas pela leitura de textos literários.

Acreditando no potencial humanizador das literaturas, recorre-se novamente à BNCC para explicar a adoção de uma autora brasileira para o presente artigo, posto que se deve “propor a

leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção” (BNCC, 2018, p. 524). Para além da nacionalidade, também deve ser levado em consideração que, embora muito reconhecidas, ainda se observa uma presença moderada, diversas vezes nula, de figuras femininas nas aulas de Literatura. Afinal, quando o desejo do professor é ofertar o maior conhecimento literário possível ao seu alunado, é importante que o faça de maneira crítica e consciente das suas possíveis reverberações socioculturais. Posto isso, de acordo com os pesquisadores Renata Junqueira de Souza e Rildo Cosson:

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor. (JUNQUEIRA, 2017, p. 103).

Mais uma vez, depreende-se que, ao escolher o conto “A Bela e a Fera” também está sendo levada em consideração a voz enunciativa inferida por essa narrativa quando ela é analisada em turmas de Ensino Médio. É compreensível que todo texto seja tomado por discursos e, sequencialmente, outros discursos vão se incorporando ao que já havia sido escrito, ainda mais quando esse texto é levado para uma sala de aula com inúmeras mentalidades e bagagens culturais pertencentes a cada ser. Por isso, é reforçado o papel que essa literatura deve adotar ao ser tomada pela mão de jovens alunos, orientados por seus respectivos professores. O leitor constrói seus múltiplos saberes, assim como existem os múltiplos letramentos, de modo que a única função do docente é apenas a de um maestro, que conduzirá a sintonia da turma para

achar um equilíbrio dos sentidos provocados, mas nunca padronizando os ecos reproduzidos durante esse processo.

Uma proposta para a sala de aula

Explicados os conceitos aqui tomados por leitura e por ficção, bem como o entendimento da função do Letramento Literário para a vida escolar dos jovens estudantes do Ensino Médio, o lado prático do trabalho começa a tomar certo contorno. O conto “A Bela e a Fera”, de Clarice Lispector, faz parte do livro homônimo composto por uma coletânea de oito contos, todos protagonizados por mulheres transbordadas em contradições e embates com os caminhos ofertados pela vida. O recorte foi feito pela preferência de uso do último conto, pois esse é um texto que poderá promover debates sociais importantes para o próprio ambiente escolar, além de trabalhar com um tema que já existe como herança da sociedade brasileira: a miséria dos homens.

A narrativa se inicia com a espera de uma mulher pela chegada de seu motorista, após um dia no salão de beleza. O poder aquisitivo da personagem já parece evidente ao notar o cenário em que se ambienta a história: em frente ao hotel Copacabana Palace, local frequentado por classes sociais mais elevadas. A comprovação de seu papel na nata carioca surge de algumas pistas textuais, como em “Vivia nas manadas de mulheres e homens que, sim, que simplesmente ‘podiam’. Podiam o quê? Ora, simplesmente podiam.” (LISPECTOR, 2020, p. 95). Não é preciso de muita justificativa para as atitudes dessa elite; ela apenas existe em sua essência, mandando e desmandando no destino desse mundo fictício. Essa faceta rica da narrativa tem um encontro inesperado com a outra mácula carioca, a da desigualdade, trazida na figura de um homem em situação de rua, cuja perna aparece com uma ferida descrita como grotesca e exageradamente aberta. Nesse ínterim, Clarice convida o leitor a desbravar os

devaneios perturbadores de uma mulher rica, mas que se apercebe desprovida de qualquer humanidade palpável.

Como proposta pedagógica para Ensino Médio, reforçando todo o aparato teórico que já foi mencionado, o destaque para a leitura de fruição do conto deve prevalecer. A pesquisadora Michèle Petit concorda que “[...] a leitura põe, dessa forma, o pensamento em movimento, retoma uma atividade de simbolização, de construção de sentido, de narração.” (PETIT, 2009, p. 44) e, para isso acontecer, entende-se que o aluno deve tomar o protagonismo da palavra. Cada acréscimo de sentido denotado ao texto deve ser observado e considerado pelo docente mediador daquele ato, ou seja, é fundamental que a sala de aula seja associada também ao momento do lazer, no qual o adolescente se sente desinibido para trazer suas contribuições como leitor e como ouvinte.

Utilizando o conto proposto, o professor pode construir um espaço de leitura coletiva e escuta por parte da turma. É fato que, no universo pedagógico, inúmeras propostas podem ser exploradas para justificar os fins que se desejam dar a toda e qualquer leitura literária; por isso, consoante com o que Begma Soares Barbosa propõe, isto é, que o professor mediador deve “organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo [...]” (BARBOSA, 2011, p. 156), compreendendo-se que um processo positivo de leitura deve ser feito de modo planejado e consciente. Nesse sentido, não basta que o docente esteja disposto a selecionar a obra que será analisada em sala de aula, mas também desvendar as condições disponíveis e as perguntas que podem surgir a partir do debate gerado na leitura conjunta. Para isso, esta pesquisa dispõe da ferramenta dos círculos de leitura dentro do espaço escolar como propulsor de novas perspectivas literárias para a análise do conto aqui escolhido. As quatro paredes da sala de aula podem se expandir de modo a acolher os discentes para um momento de fruição, e não mais de um ensino formal automatizado; assim, criar

previamente um momento confortável e adaptado para receber esses jovens leitores é o primeiro passo a ser considerado.

Assim como afirma Cosson (2010), é necessário enfatizar que a leitura estará sempre sustentada por práticas sociais prévias. O conhecimento de mundo individual de cada leitor é o que possibilita a saída de um espaço de passividade diante da obra para, enfim, compreender os sentidos globais proporcionados pelo todo. Tendo em vista que o aluno faz parte, também, de uma espécie de comunidade leitora, os reflexos da prática coletiva supracitada podem desencadear inúmeros benefícios para as turmas de Ensino Médio quando utilizada de maneira adequada. Logo, sendo o conto de Clarice Lispector inserido num contexto brasileiro, especificamente carioca, torna-se fácil estabelecer essa proximidade com os jovens.

Em um primeiro momento, poderá ser proposto para a turma, antes mesmo da realização da leitura, que comente brevemente sobre a divisão econômica existente entre os bairros do Rio de Janeiro, comentando sobre os efeitos da segregação socioespacial responsável pela exclusão de indivíduos a determinados espaços tidos como privilegiados. Como, no início do conto, é mencionado o imponente hotel Copacabana Palace, é interessante que o mediador busque dos alunos referências que esses possuem sobre o próprio bairro de Copacabana. Nesse momento, é válido mencionar nomes relevantes da cultura brasileira que já residiram no local, como Elis Regina e Carlos Drummond de Andrade, cuja marca está eternizada em forma de estátua no conhecido calçadão de Copacabana em frente ao mar. Aumentando a identificação do aluno com esses espaços cariocas, que muitas vezes não foram ou não podem ser acessados por ele, é possível utilizar a música Copacabana (1946), composta por Alberto Ribeiro e interpretada por Dick Farney, como ambientação durante a leitura. Dessa maneira, o espaço criado pode conduzir o diálogo para o imaginário coletivo que é construído em torno desse bairro da Zona Sul, refletindo, mais uma vez, como a exaltação dessa

região pode contribuir para o efeito esperado por Clarice Lispector na narrativa ao inserir a figura de um “pedinte” em meio a um campo tão simbólico para a elite carioca.

Confirma-se, então, o destaque proporcionado pelas práticas dos círculos de leitura, no qual o estudante confronta-se com as ideias dele mesmo e de terceiros. Esse aspecto formativo é expandido quando os discentes podem encontrar apoio e abertura em seus pares, desenvolvendo a capacidade de se colocar no mundo enquanto sujeito crítico e capacitado para a escuta e compreensão de outros pontos de vista. Consiste na transformação do ambiente da sala de aula em uma espécie de grande roda de leitura, de modo que o padrão verticalizado, organizado em fileiras viradas para o professor se dissipe e o aluno se aperceba no mesmo nível que seus colegas e seu docente, reafirmando a escola como um lugar de troca de saberes e escuta ativa do outro.

Outro ponto que pode ser evidenciado durante a roda de leitura pelos alunos são as possíveis referências contidas na narrativa “A Bela e a Fera”. O aluno deve ser provocado no sentido de observar o próprio título do conto e constatar que há referência direta à literatura tradicional dos contos de fadas: o conto homônimo, em sua versão mais difundida, foi escrito no século XVIII por uma mulher, Jeanne-Marie Leprince de Beaumont. É importante averiguar se essa narrativa fez parte da infância dos alunos em questão, questionando-os sobre suas lembranças dessa antiga obra. Nesse contexto, o mediador pode fornecer pistas aos discentes para que esses elaborem alguma justificativa para a escolha de Clarice Lispector ao nomear seu conto por meio dessa intertextualidade. O objetivo é que o estudante perceba que o conto de Beaumont reflete as questões de gênero de sua época, assim como expõe a pesquisadora Maria Tatar no trecho a seguir que poderá ser lido com os alunos:

A Bela e a Fera foi celebrada como a história exemplar do amor romântico, demonstrando seu poder de transcender as aparências físicas. Sob muitos

aspectos, porém, é também uma trama rica em oportunidades para a expressão das angústias de uma mulher com relação ao casamento, e é possível que tenha circulado em certa época como uma história para aplacar os medos de moças que se viam obrigadas a casamentos arranjados com homens mais velhos. Em culturas em que casamentos impostos eram a regra, este era um conto que podia encorajar mulheres para uma aliança que exigia que apagassem seus próprios desejos ou pusessem sua vontade de riqueza acima de outras considerações. (TATAR, 2004, p. 74)

Logo, diferente do que é visto no conto de fadas, Clarice, ao colocar uma protagonista egoísta e frívola, brinca com a ideia de uma mulher pura que se importa com o próximo e é capaz de desconsiderar as diferenças físicas. A moça, ao encarar a ferida na perna do pedinte, demonstra, na verdade, profunda aversão. Essa repugnância está traduzida não apenas na forma de horror, mas também na tentativa de mostrar ao leitor como essa mulher abomina tudo que não esteja diretamente ligado aos privilégios de sua casta. Por outro lado, embora a obra de Lispector não trate do campo romântico propriamente, é possível observar uma consonância com a ideia abordada no conto tradicional: o apagamento dos desejos individuais da mulher. Com Clarice, os alunos poderão ser estimulados a analisar os papéis desempenhados pelo feminino na sociedade, uma vez que a própria protagonista menciona o trabalho árduo do marido para ter conquistado a vida confortável que levam, mas que ela, enquanto mulher, não alcançou com suas próprias mãos. A escritora é capaz de promover reflexões para além da superfície textual que o leitor enxerga, pois esse tema pode gerar discussões alicerçadas no que o povo brasileiro, as mulheres, vivem de modo constante. Isso acontece mesmo sem o leitor se dar conta desse fenômeno, como é comprovado por Lúcia Helena:

A obra de Clarice Lispector ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e

da história não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade. (HELENA, 1997, p. 109)

Em determinado trecho, a autora se observa no espelho e deslumbra-se com seu próprio reflexo, afirmando o narrador por um discurso indireto livre: “ah! - pois ela era cinquenta milhões de unidades de gente linda. Nunca houve - em todo o passado do mundo - alguém que fosse como ela.” (LISPECTOR, 2020, p. 94). É interessante estimular o olhar do aluno e questioná-lo sobre outras histórias que apresentem os mesmos signos: o espelho e a autoadmiração exacerbada. Dessa maneira, espera-se que o grupo remeta a passagem ao conto de fadas *Branca de Neve* (1817), escrito pelos irmãos Grimm, visto que essa narrativa também apresenta uma vilã com as mesmas características observadas na protagonista clariceana. Após essa reflexão, justifica-se uma análise mais aprofundada acerca dessa escolha, algumas possíveis perguntas seriam: “Por que a autora relaciona a personagem rica a uma figura maléfica de outro conto? Qual o propósito em acentuar essa presunção da protagonista? Esse exagero ao falar de si mesma pode estar associado ao fato de a mulher rica ser egoísta e enxergar apenas a si mesma?”. O objetivo é convidar o aluno a estabelecer relação com obras, autores e simbologias de outras épocas.

O clímax do conto desdobra-se no momento em que a mulher rica é retirada forçosamente de seus devaneios pela fome de um desconhecido. O personagem, então em situação de rua, pede por alguma ajuda em busca de alimento, porém o que mais chama a atenção da protagonista é a ferida em uma de suas pernas, e não a desumanização de um país desigual. Nesse momento, o aluno poderá ser conduzido a estudar a atitude da personagem na seguinte passagem: “Socorro!!!” gritou-se para si mesma ao ver a enorme

ferida na perna do homem. ‘Socorre-me, Deus’, disse baixinho.” (LISPECTOR, 2020, p. 96), uma vez que os elementos linguísticos podem sugerir que, ao gritar para si mesma, essa mulher procura esconder para a sociedade sua verdadeira atitude diante da cena apresentada. Se por um lado a desigualdade social aparece de modo gritante na obra, o incômodo da moça deve ser “baixinho”, mais pela sua repulsa do que pela compaixão ou empatia ao outro. Após essa passagem, os alunos deverão refletir sobre as suas próprias atitudes diante de uma situação semelhante: “Qual é a sua primeira reação ao se deparar com um pedinte? Você costuma oferecer ajuda a pessoas em situação de rua? O que é possível fazer para amenizar o sofrimento de indivíduos nessa condição?”.

É viável que o mediador procure pesquisar recortes de jornais, reportagens, crônicas em que seja abordada a subumanidade à qual os indivíduos em situação de rua estão expostos, com números e dados estatísticos para embasar o diálogo. Levando para a sala de aula, é possível explorar essa questão na roda de conversa com os alunos, pois esse óbice não termina apenas nas porcentagens. Os discentes devem ser levados a analisar esse contexto através de raça, sexo e classe econômica, percebendo as nuances que levam ou que trazem os cidadãos para essas condições invisíveis. Em alguns fragmentos, vê-se a nítida oposição entre o mundo daqueles dois personagens unidos pela desigualdade das ruas cariocas: uma pensa em festas, o outro pensa em comida.

É fundamental que o professor, durante a leitura do conto, realce os aspectos linguísticos que conduzem os sentidos pretendidos pela autora. Um exemplo disso poderá ser observado no trecho após o grande encontro da protagonista com o pedinte, no qual ela se encontra “[...] completamente exposta” (LISPECTOR, 2020, p. 96) àquele homem com a perna machucada. No tocante à própria “invisibilidade”, o mediador deve verificar se os jovens reconhecem o uso dessa palavra e se ela poderia se enquadrar também para algumas camadas populacionais da sociedade brasileira. A própria personagem clariceana confirma isso no trecho:

“Mas na Avenida Copacabana tudo era possível: pessoas de toda a espécie.” (LISPECTOR, 2020, p. 96), isto é, uma espécie de ser humano que difere da dela, que é considerada prestigiada, importante e valorizada. Isso também é retomado na conclusão da narrativa, quando a mulher percebe que nem se lembrou de perguntar o nome do homem com o qual ela havia passado o tempo conversando sobre sua vida. Contudo, logo após esse momento, a moça toma consciência de seus respectivos destinos semelhantes, para onde toda humanidade caminha naturalmente: a morte. “De repente sabia: esse mendigo era feito da mesma matéria que ela.” (LISPECTOR, 2020, p. 104).

Assim como Antonio Candido postula, a literatura é capaz de transformar o olhar do homem, humanizando-o ao desconhecido: “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção [...]” (CANDIDO, 2004, p. 177). Por isso, explorando essa capacidade transformadora, o professor deve abrir espaço para que a proposta da leitura também seja voltada a uma profunda reflexão. Os alunos podem ser convidados a trazer objetos pessoais que demonstrem a sua “riqueza afetiva”, ou seja, eles trarão itens que não tenham valor material algum, mas que, para cada jovem da turma, sejam tomados de significâncias. Como acontece com a personagem no excerto “Teve vontade de dizer: olhe, homem, eu também sou uma pobre coitada, a única diferença é que sou rica.” (LISPECTOR, 2020, p. 103), os discentes podem analisar as qualidades que fazem com que ser humano seja considerado rico ou pobre para além da materialidade.

Ao final dessa prática pedagógica com o círculo de leitura, o professor, juntamente com a comunidade escolar, pode propor atividades que extrapolem a sala de aula e a própria linha do texto. Com as contribuições, reflexões e debates gerados, os estudantes podem ser estimulados a se mobilizar diante dessa problemática. Percebendo o incômodo gerado pelas disparidades que excluem e tornam invisível seres humanos de outras classes e raças, é

fulcral que o mediador seja responsável também por viabilizar situação em que todos possam colaborar para promoção de pequenas mudanças. Mudanças essas que não se restrinjam aos textos literários, mas, como afirmava Cosson e Candido, estejam aliadas com a transformação da realidade. É urgente, portanto, que a escola perceba o seu papel para construção do corpo social e para, em pequenas proporções, diminuir o grito de um mundo desigual, pois “Não. O mundo não sussurrava. O mundo gri-ta-va!!! Pela boca desdentada desse homem.” (LISPECTOR, 2020, p. 99).

Considerações finais

Assim, conscientes do poder humanizador e civilizatório da leitura de textos literários, o professor de Língua Portuguesa deve munir-se de todas as ferramentas disponíveis para aplicar esse olhar para dentro de sua escola. As turmas de Ensino Médio, embora desafiadoras pela dificuldade de encontrar uma constância leitora, devem-se tornar espaços de fruição literária e de debate com essas obras trazidas para a sala de aula. Logo, por meio dos círculos de leitura, propostos por Rildo Cosson (2014), o professor mediador poderá estar mais capacitado a propor novas formas de se relacionar com o texto e, dessa forma, apreender a pluralidade dos indivíduos e dos contextos socioculturais suscitados pela literatura e defendidos pela BNCC. Nesse caso, acredita-se que uma maneira interessante de abordar essa temática nas salas é por meio da leitura do conto “A Bela e a Fera” de Clarice Lispector, uma vez que essa narrativa pode gerar reflexões em âmbitos social e político. Em suma, espera-se que, com a promoção dessas propostas pedagógicas aqui sugeridas, outros professores possam modificar a relação de seus respectivos alunos com a leitura, tornando-os, se assim desejarem, leitores críticos e dispostos a desfazer feridas abertas por injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário**: sobre a formação escolar do leitor jovem. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 145- 167. Marc/ago. 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Te_xto-06.pdf. Acesso em: 3 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 169-91.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 01 set. 2023.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976. p.30
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez editora, 2022.
- GRIMM, Irmãos. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm**. São Paulo: Tricaju, 2021.
- HELENA, Lúcia. **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.
- LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista; SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. Letramento literário em círculos de leitura na escola. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p. 427-441.
- LISPECTOR, Clarice. **A Bela e a Fera**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MOSER, Benjamin. **Clarice**: uma biografia. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. In: INFORSATO, Edson do Carmo; COELHO, Sônia Maria (org.). **Pedagogia: Programa de Formação de Professores em Exercício, para a Educação Infantil, para Séries Iniciais do Ensino Fundamental e para a Gestão da Unidade Escolar. Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143>. Acesso em: 29 out. 2024.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**. Rio de Janeiro. Zahar, 2004.

CLARICE LISPECTOR'S FICTION IN HIGH SCHOOL: A PROPOSAL FOR THE CLASSROOM BASED ON THE SHORT STORY “BEAUTY AND THE BEAST”

ABSTRACT: This scientific article discusses the importance of reading in the lives of young Brazilians, especially in high school. Although reading is fundamental, it is often limited to informational or instructional purposes, rather than being enjoyed for its own sake. In this way, the article understands reading as a critical process that involves the reader's interaction with the work, combining intellectual, sensory and emotional aspects. In addition, this study highlights the importance of literary literacy, focusing on the work of Clarice Lispector. A specific short story, “Beauty and the Beast or The Wound Too Big”, is selected to illustrate how reading works of fiction can address important themes such as invisibility, inequality and self-esteem, making reading more accessible and engaging for high school students. The specific objectives of the work include recognizing the social contexts addressed in the literary works, interpreting the meanings of Clarice Lispector's fictional texts and promoting a new perspective on reading in secondary school classes. Therefore, the article aims to promote critical reading and analysis of short stories, stimulating students' interest and providing a deeper understanding of Clarice Lispector's works and the short story genre, with a focus on fiction.

Keywords: Literacies. Fiction. High school. Reading. Clarice Lispector.